



ÁGUA, DOS HOMENS E DOS DEUSES

...

*CAPTAR, DISTRIBUIR,
CONTER...*



ÁGUA, DOS HOMENS E DOS DEUSES

...

*CAPTAR, DISTRIBUIR,
CONTER...*

TÍTULO

ÁGUA, DOS HOMENS E DOS DEUSES ... CAPTAR,
DISTRIBUIR, CONTER ...

Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 4

COORDENAÇÃO

João Carlos Senna-Martinez †
Ana Cristina Martins
António Marques
Isabel Cameira

REVISÃO EDITORIAL

Cristina Nozes
Vasco Leitão

APOIOS

Departamento de Património Cultural | Direção Municipal
de Cultura | Câmara Municipal de Lisboa

Departamento de Desenvolvimento e Formação | Direção
Municipal de Recursos Humanos | Câmara Municipal de
Lisboa

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa/ Direção Municipal de
Cultura/ Departamento de Património Cultural/ Centro
de Arqueologia de Lisboa

Sociedade de Geografia de Lisboa/ Secção de
Arqueologia

DESIGN GRÁFICO

Ana Filipa Leite

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS:

Logotexto Letras por computador, Lda

TIRAGEM:

300

ISBN

978-972-8543-66-2

DEPÓSITO LEGAL

507098/22

LISBOA, 2022

Advertência: Nesta publicação, o cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990, em vigor desde 2009, é da responsabilidade dos autores de cada texto, assim como as versões em língua inglesa e o conteúdo dos artigos. O Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) e a Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (SA - SGL) declinam qualquer responsabilidade por equívocos ou questões de ordem ética e legal.

ÁGUA, DOS HOMENS E DOS DEUSES

■ ■ ■

*CAPTAR, DISTRIBUIR,
CONTER...*

João Carlos Senna Martinez
Ana Cristina Martins
António Marques
Isabel Cameira
(coord.)

*Câmara Municipal de Lisboa/ Direção Municipal de Cultura/ Departamento de
Património Cultural/ Centro de Arqueologia de Lisboa
Sociedade de Geografia de Lisboa/ Secção de Arqueologia*

FRAGMENTOS DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA 4: Água, dos Homens e dos Deuses... captar, distribuir, conter...	7
As Águas de al-Ušbūna (sécs. VIII-XII) - Visão de conjunto António Rei	10
O poço hidráulico medieval do espaço de hortas do Mosteiro de São Domingos (Lisboa) Rodrigo Banha da Silva, André Bargão, Sara da Cruz Ferreira, Gonçalo Lopes e Joana Baço	19
As gárgulas e o sistema hidráulico no mosteiro de São Dinis de Odivelas Ana Patrícia R. Alho, Ana Santos e Nelson Simões	36
Louça de água na Lisboa Moderna (1500-1800) Tânia Manuel Casimiro e Carlos Boavida	44
“Logo a abrir, apareces-me pousada sobre o Tejo como uma cidade a navegar” Ana Penisga, Alexandre Sarrazola e Inês Ferreira	52
Captação e contenção de água em época Moderna: poços e cisternas identificados em Lisboa no âmbito das intervenções da Neoépica, Lda. Catarina Bolila e Nuno Neto	63
Águas de Santana: as estruturas hidráulicas do Palácio Vaz de Carvalho Anabela Sá e Inês Mendes da Silva	80
A Quinta do Sargento Mor - Um Jardim de fresco no Vale de Alcântara - A Magia da Água Luísa Batalha	94
Águas de Lisboa Bárbara Silva Bruno	106



Fotografias_Guilherme Cardoso|CAL

FRAGMENTOS DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA 4: “Água, dos Homens e dos Deuses... captar, distribuir, conter...”

Nos dias 20 e 21 de novembro de 2019, o auditório Adriano Moreira, da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), acolheu o 4.º Seminário dos “Fragmentos de Arqueologia de Lisboa”, numa organização conjunta da Secção de Arqueologia da SGL e do Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL), em cujo âmbito foi lançado, pela mão da historiadora Maria da Luz Sampaio, o volume correspondente à edição anterior.

Intitulado “Água, dos Homens e dos Deuses... captar, distribuir, conter...”, o encontro contou com sete conferências e sete comunicações, abrangendo um vasto arco cronológico, desde o neolítico à segunda metade de Novecentos. Os assuntos apresentados foram do maior interesse para a comunidade científica e o público geral ali reunidos, aguardando-se, desde logo e com expectativa, a publicação dos textos correspondentes.

Preparou-se, então, tudo para que o quarto número da coleção com o mesmo título - “Fragmentos de Arqueologia de Lisboa” -, ficasse pronto de modo a ser lançado, como vinha sendo hábito, por ocasião do seminário seguinte, agendado para novembro de 2021, ou seja, dali a dois anos. Mas eis que a transição para 2020 se deu de forma inesperada e atípica, com notícias assaz preocupantes em matéria de saúde pública internacional. Escassos meses depois, em março, o país deparava-se com o primeiro de vários confinamentos, o mais duro de todos, não apenas pela novidade que se abatia sobre a humanidade, como pelas inúmeras incertezas que gerou quanto ao futuro, alimentadas pelas muitas vidas que iam perdendo e enfraquecendo, e pelos múltiplos projetos adiados e de vários outros instados a repensar e inovar.

As atividades desenvolvidas pela SGL e pelo CAL exemplificam este novo e desafiante contexto que nos obrigou a reinventar, em nome da ciência e da cultura, não apenas ao serviço de todos e para todos, como produzidas com todos. Por isso, entre vários outros recursos, houve que lançar mão da virtualidade para aproximar territórios, comunidades e indivíduos, ao mesmo tempo que permutar produções de conhecimento e de património carregados de memórias, emoções e sentimentos. Embora imposta pelas circunstâncias pandémicas da Covid-19, abriu-se um outro “Admirável Mundo Novo” através do qual as distâncias físicas se começaram a dissipar e as possibilidades de contato, de participação e colaboração aumentaram significativamente. Nada, porém, que permitisse substituir a importância do contato direto, despido dos filtros digitais aos quais nos íamos acostumando, como se deles dependesse o nosso dia-a-dia. Tornava-se, porém, difícil negar a relevância do digital, considerando as muitas vantagens que começara a aportar ao quotidiano, incluindo ao científico e cultural. Ademais, viabilizava-se a aplicação do sistema híbrido nos interstícios dos vários confinamentos, permitindo retomar, com cautela e segurança, a desejada presença física nos auditórios. Uma vez mais, a SGL (nomeadamente através da sua Secção de Arqueologia) e o CAL são disso bons testemunhos, embora optassem por não organizar o 4.º Seminário dos “Fragmentos de Arqueologia de Lisboa” em 2021, como previsto. A justificação foi compreendida de imediato: devendo os “Fragmentos” intercalar com os “Encontros de Arqueologia de Lisboa”, organizados pelo CAL, e tendo transferido a edição seguinte (terceira) destes para novembro de 2021, aqueles teriam de ser protelados para finais de 2022.



De permeio, retomou-se a edição do número 4 da coleção “Fragmentos de Arqueologia de Lisboa” que apresentamos agora depois de um longo e complexo percurso vivenciado ao longo dos dois últimos anos. Contexto difícil, ponteados de sucessivos interregnos que acabaram por fundamentar algumas ausências de contributos neste volume. Mas, embora não represente a sua totalidade, ele contém a maioria das comunicações apresentadas ao quarto seminário, nos idos de novembro de 2019, em resultado do esforço dos respetivos autores, que importa realçar.

Reunindo um conjunto de textos que analisam a história da captação, transporte e distribuição de água na cidade de Lisboa desde o período medieval-islâmico, o presente volume permite-nos, num primeiro momento, embrenhar em memórias da relação da cidade com as águas circundantes durante o período andalusi (António Rei); nas evidências de poços medievais existentes no Mosteiro de São Domingos (Rodrigo Banha da Silva, André Bargão, Sara da Cruz Ferreira, Gonçalo Lopes e Joana Baço); no sistema hidráulico do Mosteiro S. Dinis de Odivelas (Ana Patrícia Alho, Ana Santos e Nélson Simões). De seguida, somos convidados a acompanhar o processo de identificação e caracterização de louça vermelha destinada a guardar, consumir e conter água, designadamente da recuperada na intervenção arqueológica de Carnide (Tânia Casimiro e Carlos Boavida), assim como à identificação de novas peças essenciais à recomposição do intrincado puzzle lisbonense de arroios, ribeiras e caminhos que se estendiam por sobre rios, desde a Modernidade à Contemporaneidade da urbe (Ana Penisga; Alexandre Sarrazola e Inês Ferreira). Informações que podemos complementar com dados relativos a outras formas de gestão de água em época moderna, como poços e cisternas (Catarina Bolila e Nuno Neto), antes de observarmos as estruturas hidráulicas descobertas no decurso de trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Palácio Vaz de Carvalho (Anabela Sá e Inês Mendes da Silva), e de elementos constituintes do Jardim de Fresco da Quinta do Sargento-Mor (Luísa Batalha). Por fim, introduzimo-nos nos meandros das políticas de gestão associadas ao serviço de captação, transporte e distribuição de água em Lisboa entre o século XIX e 1974 (Bárbara Bruno).

Encontrando-se já em preparação a próxima edição, este quarto volume da série “Fragmentos de Arqueologia de Lisboa” confirma a natureza quase inesgotável de Lisboa e seus arrabaldes enquanto fonte primária para a investigação histórica, arqueológica e artística que é conduzida, a diário e de modo interdisciplinar, por especialistas de diferentes áreas do conhecimento. Mas este quarto volume comporta também alguma melancolia e já muita saudade, ao mesmo tempo que uma certa satisfação e a imprescindível confiança no futuro. Sentimentos aparentemente contraditórios, mas que têm um nome em comum: João Carlos de Senna-Martínez, um entusiasta, desde a primeira hora, destes seminários que por ele foram nomeados, constituindo uma verdadeira inspiração que continuará a envolver-nos no caminho iniciado em unísono. Até sempre, Professor, Colega e Amigo!

Lisboa, julho de 2022

A Coordenação